

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

O surgimento do contador de histórias e sua manifestação no desenvolvimento de metodologias de ensino de Arte e na formação de espectadores.

Carlos Eduardo de Oliveira Prado
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Este artigo surge a partir de um recorte do projeto desenvolvido no Programa de Mestrado em Artes Visuais, na linha de Ensino de Arte e Educação Estética da Universidade Federal de Pelotas. A partir da formação de si, este artigo propõe-se apresentar a origem do contador de histórias e a diferenciação entre o contador de histórias tradicional e o contemporâneo. Além disso, propõe aproximar a prática de contação de histórias à manifestação teatral, utilizando-se da mesma como propulsora de metodologias de arte educação, em especial o Drama, de Beatriz Ângela Cabral, bem como pensar a fruição durante a contação de histórias e auxiliar na formação de espectadores.

Palavras-chave: contação de histórias; formação de si; espectador.

Inicio minha jornada nas artes antes mesmo de entrar na escola. Ainda criança, minhas brincadeiras preferidas sempre estiveram ligadas a interpretar, narrar, dançar e desenhar. A primeira apresentação que fiz foi já na pré-escola, e, desde então, dizia que gostaria de ser artista. Me experimento pesquisador já na universidade e, no Programa de Pós-Graduação, na linha de pesquisa em Ensino de Arte e Educação Estética, revisito memórias e caminhos que me tornaram artista, pesquisador e professor. Tais recordações-referências fazem parte da abordagem metodológica sobre pesquisa de si, de Marie-Christine Josso.

> Falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação. A recordação-referência significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentidos ou valores. A recordação-referência pode ser qualificada de experiência formadora, porque o que foi aprendido (o saber-fazer e os conhecimentos) serve, daí, para a frente, quer como referência a numerosíssimas situações do gênero, quer como acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida. São as experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma ideia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro. E essa história me apresenta ao outro em formas socioculturais, em representações, conhecimentos e valorizações, que são diferentes formas de falar de mim, das minhas identidades e da minha subjetividade. Assim, a

> construção da narrativa de formação de cada indivíduo conduz a uma reflexão antropológica, ontológica e axiológica. (JOSSO, 2004. p. 39)

A partir das recordações referências, retomo pontos marcantes em minha formação e direciono esse texto para a contação de histórias. Para isso, penso ser importante rememorar de onde vieram os contadores e por que são importantes nas diversas culturas.

Pode-se dizer que a existência do contador de histórias data da mesma época do surgimento da linguagem oral. Quando a palavra surge, começa a existir também uma pessoa que conta as crenças e os ritos de um determinado grupo social, com a intenção de explicar o mundo e aquilo que está além dele. O mito, advindo da palavra grega *Mithus*, significa contar ou narrar algo para alguém e está bastante ligada à explicação do irracional e da origem do mundo. Assim, penso ser possível afirmar que o próprio mito surge a partir da narrativa de histórias. Como prática de povos ancestrais, ouvir a história e as lendas auxiliava a manter viva a tradição de um povo. Segundo Matias:

> A prática de contar histórias é ancestral; pode-se dizer que coincide com o próprio desenvolvimento da linguagem oral e que a partir de então adquiriu especificidades de acordo com a cultura e o momento histórico. Integrante de rituais pagãos primitivos, propagadora da mitologia greco-romana aos povos antigos, divulgadora dos valores da igreja católica na Idade Média, disseminadora de tradições para povos do oriente, para indígenas e para diferentes tribos africanas ao longo de gerações; lista-se uma pequena amostragem de sua presença. (MATIAS, 2010, p. 72)

Não sei se é uma visão apenas romantizada da coisa, se li em algum lugar ou mesmo se estou inventando isso mas, nos rituais antigos, sentava-se na volta de fogueiras e os mais velhos contavam, com gestuais e diferentes nuances na voz, histórias das vivências do povo para os mais jovens que, afeiçoados pela narrativa, ouviam com prazer. Existe, nesses grupos em que a cultura oral é de extrema importância, um local especial para os anciões.

> Nas culturas orais, o conhecimento adquirido por várias gerações ao longo dos tempos é armazenado na memória. Nessas culturas, os anciãos têm um lugar privilegiado porque representam a memória viva de seus

> antepassados. Referindo-se a eles, os povos africanos, que guardaram muito dos valores e das tradições da cultura oral, costumam dizer: 'Na África, cada velho que morre é uma biblioteca que se queima'. Isso porque, nesse modelo de cultura, em que as mudanças de uma geração a outra são mínimas, são eles que melhor poderão transmitir às novas gerações a riqueza cultural de seu povo. (MATOS e SORSY, 2013. p 3)

A prática de contar ao povo uma história para mantê-la viva era também um momento de comunhão que auxiliava na formação de identidade daquele grupo. Contar uma história, para o contador da cultura oral, tinha – e ainda tem – a ver com pensar o tempo da narrativa, as entonações, os gestos utilizados e até mesmo os silêncios necessários para aquela história. Os ouvintes, por mais que conhecessem a história, permaneciam se encantando, já que, a cada novo encontro para a partilha de um conto, todos já haviam mudado: os ouvintes não eram mais os mesmos e o contadores também não.

Mesmo sendo entendido como parte da cultura ancestral, o contador de histórias oral ainda existe. É o contador tradicional. No Brasil, a pessoa que mantém viva a tradição de um povo, sobretudo a cultura dos povos africanos, é conhecida como Griô ou Mestre Griô. Amparados por uma Lei Nacional, os Griôs são:

> O termo Griô é universalizante, porque ele é um abrasileiramento do termo Griot, que por sua vez define um arcabouço imenso do universo da tradição oral africana. É uma corruptela da palavra "Creole", ou seja, Crioulo a língua geral dos negros na diáspora africana. Foi uma recriação do termo gritadores, reinventado pelos portugueses quando viam os griôs gritando em praça pública. Foi utilizado pelos estudantes afrodescendentes que estudavam na língua francesa para sintetizar milhares de definições que abarca. O termo griô tem origem nos músicos, genealogistas, poetas e comunicadores sociais, mediadores da transmissão oral, bibliotecas vivas de todas as histórias, os saberes e fazeres da tradição, sábios da tradição oral que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário, e guardam a história e as ciências das comunidades, das regiões e do país. [negrito do autor](disponível em: http://www.leigrionacional.org.br/o-que-e-grio/ acessado em 10 de setembro de 2018)

Existe hoje, além do contador de histórias tradicional e/ou o Griô, um contador de histórias que se apropria do texto escrito. Neste caso, ao escolher por histórias,

contos e textos de origem literária, e com a intenção de entreter, promover, ou junto a isso, utilizar-se da narrativa como ferramenta para outro fim, nós temos o contador de histórias contemporâneo.

Denominar-se contador de histórias está além de simplesmente entender a história como uma ferramenta. Embora possa optar por assim fazê-lo, esta é uma característica que deve ser somada ao trabalho e não ser considerada mais importante. É este entendimento que separa o contador de histórias do leitor de histórias, por exemplo. Não queremos, obviamente, criar uma hierarquia entre um e outro, apenas propor que a distinção existe e que os ambos trabalham com o texto literário.

Uma discussão bastante comum entre artistas dessa área é a hierarquização do contador da história oral e o contador da história escrita. Alguns pesquisadores apontam que aqueles que utilizam como base para a sua apresentação o texto literário, na verdade não podem ser considerados contadores de histórias. Apenas leitores de histórias. Matos e Sorsy em *O ofício do contador de histórias* propõe:

> Aqui talvez seja oportuno fazermos uma distinção entre contador de histórias e leitor de histórias. A arte do contador envolve expressão corporal, improvisação, interpretação, interação com seus ouvintes. O contador, como vimos, recria o conto juntamente com seu auditório, à medida que conta. O leitor, por sua vez, empresta sua voz ao texto. Pode utilizar recursos vocais para que a leitura se torne mais envolvente para o ouvinte, mas não recria o texto, não improvisa a partir dos estímulos do auditório. O mesmo se dá com o ator que interpreta um texto literário. Ele não pode recriar o texto, não pode interferir no estilo literário do autor. Essa questão gera certa polêmica em torno do que é contar histórias, mas talvez seja mais apropriado abordar a questão de outra forma: que contos são 'contáveis'? Se, como René Diatkine, considerarmos que contar pressupõe uma relação direta com o auditório, então podemos concluir que o conto de tradição oral é o que realmente se encaixa nessa arte, porque é ele que nos permite a liberdade de criar e recriar junto com a platéia. Embora o conto de tradição oral possa ser sempre o mesmo, ele é sempre outro, porque junto contador e auditório nunca são os mesmos. (MATOS e SORSY, 2013. p.8-9)

Reforço que não pretendemos criar uma hierarquia entre um e outro. E saliento que os autores aqui citados também não apresentam uma hierarquização. Apenas apontam as diferenças e defendem um ponto de vista. Neste artigo,

acreditamos que o que difere o contador do leitor ou mediador de leitura é, na verdade, a utilização da história ou da contação pelo segundo apenas como ferramenta. O entendimento do ato de narrar para um público como manifestação artística é o que caracteriza o primeiro. Apontamos a diferença entre os dois para, sabendo, direcionar o nosso trabalho para apenas um deles.

Compactuo com a ideia de não existir essa hierarquia pelos motivos de entender a importância que cada um tem, seja em espaços separados o seja no mesmo espaço. Mas não acredito que apenas aquele que se utiliza do conto de tradição oral possa ser considerado um contador de histórias. Como já dito, a apropriação – no bom sentido da palavra – de um texto literário aliado ao preparo correto para posicionar-se como contador, junto com o entendimento como área de conhecimento e de deslumbramento, transformam a pessoa que se utiliza de um conto literário num verdadeiro e autêntico contador de histórias.

Além do mais, apontamos que, quando investidor e estudioso de técnicas de como fazer, o contador de histórias é um artista. Independente de ter como objeto o texto oral ou escrito. Consequentemente aproxima-se muito do teatro, por estabelecer uma relação que se completa apenas na presença do espectador e na troca com ele. Em *Dicionário de Teatro*, Patrice Pavis define o contador de histórias da seguinte maneira:

> [...] O contador de histórias é um artista que se situa no cruzamento de outras artes: sozinho em cena (quase sempre), narra sua ou uma outra história, dirigindo-se diretamente ao público, evocando acontecimentos através da fala e do gesto, interpretando uma ou várias personagens, mas voltando sempre a seu relato. Reatando os laços com a oralidade, situa-se em tradições seculares e influencia a prática teatral do Ocidente confrontando-a com as tradições esquecidas da literatura popular, como o relato do contador de histórias árabe ou do feiticeiro africano. (PAVIS, 2008, p. 69)

De modo geral, então, podemos dizer que existem o contador de histórias tradicional e o contemporâneo. O primeiro surge com a *missão* de manter viva a cultura e tradição de um povo; o segundo se apropria de um texto literário para preparar sua apresentação com a finalidade de entreter, experimentar-se no

encantamento do público, estimular o desejo pela leitura ou outros – ou também nenhum – fins pedagógicos. Ambos são artistas e transformam-se a partir das relações e dos avanços. Mesmo com a permanência de algumas características específicas, cada contador embarca num lindo ciclo de transformação de si a partir dos avanços tecnológicos e sociais.

Afirmo-me então como um contador contemporâneo e relembro minhas primeiras experiências. Nasci e morei, até os 18 anos de idade, na cidade de Joinville, Santa Catarina. Lá estudei, da pré-escola até o terceiro ano do Ensino Médio, na mesma instituição. Aluno de escola pública desde sempre, quando estava no segundo ano do Ensino Médio, na Escola de Educação Básica Professora Jandira D'Ávila, vivenciei um projeto que estava sendo desenvolvido na referida escola pelo Instituto Airton Senna. Chamava-se *Superação Jovem* e, como uma das vertentes, tinha a arte.

Em grupo, criamos uma cabana de bambus e papelão na escola. Do lado de fora, espantalhos, fantasmas e morcegos. Dentro, apenas um espaço para o público e outro espaço onde eu contava uma história de terror. Lembro-me de, na época, gostar de contar histórias apenas pelo desejo de estar diante do público. Foi numa das apresentações que fizemos ao longo da semana que uma professora de Português me convidou para contar uma história na Biblioteca Pública daquela cidade. Lá, naquela experiência, numa escola pública, começava a me tornar contador de histórias.

Hoje, a partir de outras experiências e também de estudos realizados na graduação e no mestrado, entendo um pouco mais da utilização da contação de histórias como ferramenta e manifestação artística. A utilização da primeira forma é bastante discutida no campo da pedagogia. Segundo Souza e Bernardino (2011):

> A contação de historias é uma estratégica pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, alem de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a autoexpressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber

> desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem. A escuta de histórias, pela criança, favorece a narração e processos de alfabetização e letramento: habilidades metacognitivas, consciência metalingüística e desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e meta-alfabetizados, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.), habilidades de reconhecimento de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico.(p. 237-238)

As autoras apresentam uma breve explicação da utilização desta prática no cotidiano da escola. Se pensarmos em séries iniciais, podemos dizer que, provavelmente, ficará a cargo do professor de currículo ou do bibliotecário da escola. Deste modo, é interessante pensarmos em maneira de melhorar o acontecimento, já que a prática de ouvir histórias, somada a uma atmosfera lúdica, pode ser a primeira e a mais próxima experiência de manifestação teatral de muitas crianças.

Por aproximar-se do teatro, é inegável que a contação de histórias torna-se um potencial formador de plateia. Auxilia na formação de público para o teatro e para as artes em geral. Retomo a importância da mesma nesse aspecto lembrando que, muitas vezes, a experiência de teatro na escola é a única possível para crianças. Deste modo, é importante que pensemos nossas práticas como contadores, para qualifica-las e aproximar as crianças da arte.

Como ferramenta, para além daquelas apontadas anteriormente pelas autoras, podemos acrescentas práticas de arte-educação. A autora Maria Lúcia Pupo propõe a prática de construção dramatúrgica utilizando-se do ato de narrar. Segundo Vidor, “para compreender a articulação interna dos textos narrativos, a autora (Pupo) recorre às teorias da narração e experimenta no jogo a relação entre a ação e a narração, caracterizando-se como sendo este o percurso que vai do texto ao jogo” (VIDOR, 2010, p.115). Assim, a narrativa do contador funciona como propulsor dessa prática.

Beatriz Ângela Cabral em *O Drama como método de ensino*, propõe que um estudo seja realizado previamente e que demandas das crianças sejam levadas em consideração na construção da proposta. Numa contação de histórias pode-se

perceber quais são essas demandas, descobrir o personagem do professor – que acompanhará o processo – e também servir como pré-texto. Monthero explica o pré-texto e, nessa explicação, já acusa a utilização da literatura para o mesmo.

> Um processo de drama normalmente se inicia com a escolha do pré-texto e a instauração de um contexto de ficção. O pré-texto, que pode ser literário (extraído de um texto dramático ou não-dramático), imagético ou áudio-visual funciona como um roteiro, ou um pano de fundo para delimitar o desenvolvimento do processo e orientar as opções do coordenador. (MONTHERO, 2011, p.168)

A partir dessa definição e pensando o *Drama* com alunos em processo inicial de alfabetização, reforço que a contação de história funciona como pré-texto e que pode, se feita de maneira bem estruturada e criativa pelo mediador, ser um facilitador.

Por fim, ressalto a potência da contação de histórias auxilia na introdução de metodologias de arte-educação. E, mais que isso, principalmente, a contação de histórias é uma manifestação artística, e sua fruição basta por si só.

Referências

BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. “A contação de histórias como estratégia de pedagógica na educação infantil e ensino fundamental”. In: *Educere et Educare: Revista de educação,* vol. 6, nº 12, 2011.p.235-249. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891>. Último acesso em 15 de setembro de 2018.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiência de vida e formação*. Rio de Janeiro: EDUFRN, 2004.

MATIAS, Lígia Borges. “O valor da narrativa na pós-modernidade”. In: TERNO, Giuliano (org). *A arte de contar histórias: abordagem poética, literária e performática.* 1ª ed. São Paulo: Ícone, 2010. p.71-88.

MATOS, Gislayne Avelar, SORSY, Inno. *O ofício do contador de histórias*. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MONTHERO, Wagner. “Em processo: imagens e memórias como materiais de criação no contexto do drama”. In: *Urdimento*, nº 17, 2011.p.165-171. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/ urdimento/article/view/3368/2431>. Último acesso em em 15 de setembro de 2018.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro.* São Paulo: Perspectiva, 2008.